

ENTRE JORNAIS E MEMÓRIAS: A UTILIZAÇÃO DE JORNAIS E LIVROS MEMORIALÍSTICOS PARA A HISTÓRIA DOS QUIOSQUES E CAFÉS DE FORTALEZA (1886 – 1920).

PAULO CÉSAR FREIRE SÁ*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo debater a utilização e manuseio de duas tipologias específicas de fontes: jornais e livros de memória. Buscaremos debater como tais fontes ganharam espaço na historiografia assim como a sua importância para o historiador. Buscaremos também demonstrar como as mesmas vêm sendo utilizadas na dissertação em desenvolvimento *Um copo d'água e um palito: Habitus e sociabilidades nos quiosques e cafés de Fortaleza (1886 – 1920)*. Pesquisa do discente do Mestrado em História – MAHIS na linha de pesquisa Práticas Urbanas, Paulo César Freire Sá, sob orientação do Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes, Jornais, Memória.

ABSTRACT

This article aims to discuss the use and handling of two specific types of sources: newspapers and memory books. Seek to discuss how such sources gained ground in the historiography as well as its importance for the historian. Also seek to demonstrate how they have been used in developing dissertation *Um copo d'água e um palito: Habitus e sociabilidades nos quiosques e cafés de Fortaleza (1886 – 1920)*. Research student of the Master in History - Mahis Urban Practices in the search line, Paulo César Freire Sá, under the guidance of Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso of the State University of Ceará - UECE.

KEYWORDS: Sources, Newspapers, Memory.

* Discente do Mestrado de História/MAHIS/ UECE. Bolsista do Grupo de Pesquisas em Práticas Urbanas-GPPUR/ CAPES-UECE, eixo de pesquisa “Práticas Letradas e Urbanidades”.

INTRODUÇÃO

Por mais diversificado e até mesmo turbulento que seja o momento vivido pelos historiadores, na busca de aprimorar empiricamente e teoricamente suas áreas de estudo e compreender as transformações que ocorrem cotidianamente com o espaço, com o homem e com o tempo, algumas características lhes parecem atemporais. Surgem a cada piscar de olhos novos conceitos, novos homens, novas teorias e novas fontes, por mais que uma determinada inclinação teórica, acadêmica ou influências que afetam o historiador também enquanto homem (políticas, sociais, culturais, econômicas) nos leve a defender com unhas e dentes uma categoria X, Y ou Z, parece que o tempo deixou algo de muito valioso para os historiadores, sem documentos não podemos compreender nada dentro da escala de 1 a 99% que nos é permitido apreender sobre o passado e seus homens.

Entendendo a importância das fontes para a História, para o historiador e para o homem, buscaremos através deste artigo debater a importância de duas tipologias específicas e as suas devidas utilizações pelo historiador, serão elas: jornais e livros de memória. A partir de uma análise mais geral sobre os dois tipos de fontes também buscaremos debater a importância e utilização das mesmas na dissertação em desenvolvimento intitulada: *Um copo d'água e um palito: Habitus e sociabilidades nos quiosques e cafés de Fortaleza (1886 – 1920)*. Pesquisa do discente do Mestrado em História – MAHIS na linha de pesquisa Práticas Urbanas, Paulo César Freire Sá, sob orientação do Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Metodologicamente utilizaremos a divisão do artigo em duas fases, jornais e memória, mas também estabelecendo o diálogo entre as duas tipologias.

JORNAIS

Os jornais ganharam estatuto de fonte a partir da revolução documental realizada pela escola dos Annales no início do século XX. Até então a história se baseava na documentação dita “oficial”, por ser autenticada pelo Estado, o que não levava em conta os jornais, que eram considerados um gênero ficcional, não podendo fornecer base para a construção do relato histórico.

A imprensa após ter sido considerada, também fonte, passa a ser utilizada como objeto de estudo dos grandes movimentos, como imigração, política e movimentos operários. As acelerações, os novos hábitos, as mudanças sociais e políticas estavam presentes nesses periódicos que passaram a fazer parte dos estudos para o entendimento da História e de suas mudanças.

Ao se perceber o jornal como fonte deve-se analisar sua estrutura como um todo, levando em conta tanto seu aspecto físico, ideológico e para que público estivesse sendo destinado, pois além de objeto da história ele se torna produto de certos grupos para difundir seus ideais, pois também devemos perceber as funções sociais que permeiam esse impresso.

Há definições hoje correntes que reservam o termo jornal para a publicação diária, em folhas separadas. Esse fator físico faz com que possamos iniciar o processo de análise do jornal. É necessário perceber as letras, seus tamanhos, cores e tipo de papel empregado, assim poderíamos, possivelmente, perceber o tipo de mão-de-obra empregada na fabricação do jornal e o custo de sua produção.

Os jornais traziam em seu âmago seu caráter doutrinário, suas idéias e pressupostos acerca dos temas em que se propunham defender. O jornal está diretamente ligado ao período no qual ele é produzido e ao público ao qual ele se destina. Essas condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam em contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. O conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa.

O historiador deve buscar perceber os discursos que permeiam o jornal ao qual ele se propõe estudar. Problematizar o discurso vai auxiliá-lo na percepção dos objetivos ideológicos do jornal em estudo.

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustrações que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal pretende atingir. Os jornais devem ser percebidos como projetos coletivos por agregarem várias pessoas que desfrutam de valores, crenças e idéias as quais se pretende difundir através dos periódicos.

Identificar o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos

pragmáticos que dão as expectativas acerca das temáticas contidas no jornal. É importante frisar que o historiador deve recorrer a fontes complementares para entender o processo que envolve a produção desse jornal, sua inserção no mercado e suas vendas. Ao se utilizar dos jornais como fontes, devemos utilizá-los em série, sempre temporalizá-los, buscando perceber seus colaboradores, a quem ele se destina e quais os objetivos ideológicos de sua circulação.

Um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica rigorosamente inseridos na crítica competente (LUCA In: PINSKI, 2006, p 141).

Temos então desde a utilização do jornal enquanto fonte uma série de preocupações que não podem, ou pelo menos não deveriam, passar despercebidas pelo historiador. O primeiro contato passa desde a divisão física do periódico até a notícia da primeira página. Para além da notícia destacada no jornal e o posicionamento ideológico feito sobre ela é necessário entender que a notícia que está na primeira página está ali porque alguém a colocou ali, se há um posicionamento ideológico contra ou a favor dela é porque alguém o fez.

Seja em primeira (eu) ou terceira (nós) pessoa o jornal foi escrito por homens com tempo e espaço definidos. Vejamos, se o jornal “Foice e Martelo” é escrito por homens da construção civil e que se organizam em um sindicato onde fazem cotas semanais para que o seu jornal possa ser publicado, e no momento histórico vivido por estes trabalhadores o governo que estava em vigência resolve subir em 25% o preço da cesta básica, o jornal “Foice e Martelo” lança na mesma semana do aumento de custo da cesta básica uma matéria pedindo a saída do presidente e pedindo a baixa dos custos novamente, não podemos ignorar o fato de tal crítica ter sido feita por um jornal financiado por operários.

Da mesma forma é necessário entender que a participação direta (através de um artigo para o jornal, por exemplo) ou indireta (através do anúncio de um produto ou de uma loja, por exemplo) poderia ligar o nome de uma determinada pessoa ao posicionamento ideológico do jornal, utilizando ainda o exemplo do jornal “Foice e Martelo”, um jornal que estaria questionando as ações do governo, se nesse mesmo jornal um empresário com grande influência mediante o governo lança uma propaganda dos produtos de sua fábrica, algumas pessoas do próprio governo poderiam entender

que aquele empresário estaria a favor da saída do governante que estava sendo questionado.

Portanto, para além da notícia existe o editor, os simpáticos ao jornal, a intenção, sujeitos singulares e plurais que demonstram suas intenções através de posicionamentos que podem ou não ser apenas momentâneos, para além de conhecer a vida do jornal, é necessário conhecer a vida de quem o escreve.

Os jornais são uma das fontes utilizadas na dissertação em desenvolvimento no Mestrado Acadêmico em História – MAHIS da Universidade Estadual do Ceará – UECE, a dissertação intitulada *Um copo d'água e um palito: Habitus e sociabilidades nos quiosques e cafés de Fortaleza (1886 – 1920)* tem como objetivo analisar as práticas dos diversos grupos que frequentaram os cafés de Fortaleza, utilizando os espaços como formas de sociabilidade, distinção e habitus.

Neste caso específico os jornais nos ajudam a compreender a relação de um grupo de intelectuais, a Padaria Espiritual, com um Café, o Java, e o seu proprietário, Manoel Pereira dos Santos, ou como era chamado pelos integrantes da Padaria, Mané Coco.

Bibliotthecha Publica

Concitamos o cidadão Governador do Estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horario da Bibliotthecha Publica.

Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem transpôs o humbral da Bibliotthecha, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazel-o, porque está aferrado ás suas obrigações justaente ao tempo em que está ella aberta ao publico.

Vamos, cidadão Governador, seja rasoavel, faça isto: mande abrir a Bibliotthecha das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java (*O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 1. 10 de Julho de 1892. P. 4. Autor: Moacyr Jurema (Antônio Sales).

Neste primeiro trecho surge um questionamento que nos chamou a atenção, seria o Java um espaço escolhido pela identidade com a Padaria Espiritual ou apenas uma opção na falta da Biblioteca Pública?

[...] Apenas os relógios da Sé e da Intendencia, como a vigilancia que lhes é proverbial, e n'uma cadencia de verso mal medido ou de soldado mal disciplinado, annunciavam aos povos que eram com precisão khronometrica 8 horas do dia, a Padaria Espiritual sahia encorporada do respectivo forno, sobraçando 2,496 exemplares do 2 n. d' O Pão.

Após um curto itinerario feito em torno da praça do Ferreira, installou-se no Café Java.

Fazendo poncto de reducto d'aquelle popularissimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avides de faminto a todo simples mortal que passava n'aquellas dependencias, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes O Pão.

E foi des'arte que duas horas depois..., duas horas!.. achava-se completamente esgotada a edição de 2, 496 exemplares do 2 n. d' O Pão.

E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem offerecemos O Pão o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a excepção de dois burguezes que tiveram o inaudito desplante de o recusar; um pela imperiosissima circumstancia de não saber ler, outro por se achar muito azoinado de umas malditas hemorrhoidas. [...]. *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 3. 6 de Novembro de 1892. P. 1. Autor: Wenceslau Tupiniquim (Jovino Guedes).

Neste segundo trecho o jornal nos ajuda a perceber a utilização do espaço para venda e distribuição do periódico, além da descrição do espaço como “popularíssimo”, porém, tais elogios são feitos pelo reconhecimento do Café Java mediante a cidade de Fortaleza ou apenas para os membros da Padaria?

16) Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte.

17) O Padeiro que for pegado em flagrante delicto de plagio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.

24) Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

25) Dirigir-se-á um apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da "Padaria".

27) Será registrado o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis.

30) A "Avenida Caio Prado" é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da Padaria.

32) A "Padaria" representará ao Governo do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias.

39) As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio excetuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes.

45) Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mané Coco a terminar o serviço da "Avenida Ferreira". Alguns dos trechos do programa da Padaria Espiritual, disponíveis no acervo de obras raras da Biblioteca Pública Meneses Pimentel.

Antes mesmo do lançamento do jornal da Padaria Espiritual o programa do grêmio literário já trazia indícios da preocupação com o espaço e alguns dos não cumprimentos das normas da Padaria seriam pagos pelos próprios padeiros com cafés e charutos.

Os jornais são exposições de indivíduos e grupos partindo de uma estrutura que não é somente deles, mas de toda uma memória coletiva que passa a ser expressa a partir dos interesses de um ou vários grupos, o mesmo evento é vivido no

mesmo instante por vários indivíduos, entretanto, não é vivido da mesma maneira, os jornais são apenas um dos modos de como aquele evento foi visto a partir do olhar condicionado de uma variante social, além dos jornais, outras fontes podem trazer outros olhares sobre o mesmo evento.

LIVROS DE MEMÓRIA

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, Jacques. 1996, 423).

A discussão que envolve memória é também um sinônimo da própria história. A separação de ambas é praticamente inexistente e impossível, com o desenvolvimento do tratamento das fontes pelo historiador, a memória independente de como se manifesta faz parte de um contexto e de um ou mais sujeito(s), portanto, o evento que se manifesta através de uma memória é também um poço de subjetividade e intenções.

O que tratamos como livros de memória são escritos sobre um determinado momento temporal e espacial vivido pelo autor da obra, na qual ele manifesta as suas lembranças sobre um evento. Mas, mesmo vivendo aquele momento e escrevendo sobre ele, não podemos tomar tais escritos como cristalizados e não questionáveis; como sujeito histórico o autor também sofre influências do momento que vive, assim como nos jornais. Os livros de memória nos trazem outro olhar sobre eventos já vistos em outras fontes, não podendo ser ignorados pela História.

Durante meados do século XVIII com o advento dos jornais, podemos demarcar historicamente também o registro de memórias selecionadas por uma determinada mídia, papel desempenhado hoje também pela televisão, rádio, revistas, internet e outras grandes mídias. Podemos destacar o papel de tais meios de comunicação na divulgação e construção de memórias físicas que ficam representadas na memória coletiva de uma sociedade. O que entendemos por memória é algo que vai além da História e não depende apenas do historiador; jornalistas, sociólogos, psicólogos e outros profissionais também englobam essa área, também é necessário entender que a memória está fora da produção acadêmica, ela está envolta de toda a sociedade.

Temos então na construção do artefato (livros e demais materiais físicos que trabalhem como uma representação de memória), uma importante representação da memória, dentro do processo de elaboração de um objeto até a sua continuidade e preservação histórica, estão presentes interesses políticos, sociais e culturais que vão além do simples motivo de resgatar e entender a sociedade que o construiu e lhe deu importância.

A memória é erguida dentro de um processo, onde as mais diversas esferas de construção encontram-se dentro de um único pensamento, ou mesmo em vários, onde a memória não é apenas uma representação, mas uma construção baseada em fatores reais que influenciam direta e indiretamente o posicionamento de construções individuais e coletivas.

A memória é, por natureza, mensageira do passado e construtora do presente, o eu remete de forma consciente a tal ferramenta de modo que possa guardar lembranças à medida que isso nos pareça ou não convencional. A memória torna-se seletiva e seletora, nos cabe muitas vezes o papel de selecionar o que deve ou não continuar.

Em uma tentativa de retomar a memória e transformá-la em narrativa, o historiador se utiliza de recursos empíricos e teóricos para realizar tal tarefa, a memória é representada de diversas maneiras e chega até nós nas mais diversas formas. Se as fontes são as mais diversas, diversos também são os seus testemunhos vindos das mais diversificadas formas e interpretações.

O que é memória social? Em uma resposta simples e direta parece praticamente impossível responder a esta questão, não por falta de uma base teórica formada, mas pela própria complexidade da pergunta. A multiplicidade ronda o campo de uma resposta tão aberta, mas ao mesmo tempo tão fechada, porém o campo do múltiplo torna-se perigoso por dois motivos: a ausência de rigor e o ecletismo ético. O desafio conceitual aqui presente diz respeito a uma sala de estar aberta, livre de qualquer objeto, mas com as portas e janelas fechadas, uma liberdade presa aos conceitos teóricos e metodológicos que cercam as ciências.

Ciências, pois o conceito de memória social é transdisciplinar e não está presente somente na historiografia. Tal conceito é caracterizado como polissêmico. Tratar de memória nos faz viajar a campos de difícil acesso, a memória é um termo individual/coletivo que diz respeito a qualquer lembrança guardada em nosso cérebro ou registrada pelo homem nas mais diversas formas físicas, documentos escritos,

fotografias, esculturas e existem discussões a respeito da própria oralidade. A discussão aqui presente não nos é contemporânea, outro fator que dificulta e faz crescer em todos os sentidos a tentativa de resposta, a memória social se faz presente na sua própria tentativa de entendimento, cada tentativa de resposta se fez presente em um determinado contexto e situação, modificando da menor forma possível a maior imaginável a tentativa de compreensão deste termo.

A memória social também é ética e política, as relações que transformam o meio vivido e influenciam as transformações físicas e mentais de um determinado local também constroem diretamente a sua memória, seja ela social ou coletiva, que para Jacques Le Goff, fazem parte do mesmo campo, é impossível separar a memória coletiva da memória social.

A memória é construída dentro de um processo, onde as mais diversas esferas de construção encontram-se dentro de um único pensamento, ou mesmo em vários, onde a memória não é apenas uma representação, mas uma construção baseada em fatores reais que influenciam direta e indiretamente o posicionamento de construções individuais e coletivas.

Memória é vida. Seus portadores são sempre grupos de pessoas vivas, e por isso a memória está em permanente evolução. Ela está sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, inadvertida de suas deformações sucessivas e aberta a qualquer tipo de uso e manipulação. Às vezes fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente. A história é a sempre incompleta e problemática reconstrução do que já não existe. A memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente: a história é uma representação do passado. (NORA, Pierre. 1984, XIX).

Os livros de memória nos permitem observar a dialética entre o singular e o plural da memória individual e coletiva; várias pessoas frequentavam os Cafés de Fortaleza diariamente e cada uma delas possuía uma forma diferente de consumir e viver aquele local, porém, cada documentação nos permite enxergar apenas a parcela de um olhar de um determinado grupo ou indivíduo que fazia daquele recinto um local quase seu. Cruzar as informações de jornais e livros é resgatar um pouco do que ainda está perdido e aproveitar os vestígios que ainda nos restam, sabendo que alguns jamais serão retomados.

[...] Para todos nós há uma zona de penumbra entre a história e a memória; entre o passado como um registro geral a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas. Para os seres humanos individuais essa zona se estende do ponto onde as tradições ou

memórias familiares começam – digamos, da foto de família mais antiga que o familiar vivo mais velho pode identificar ou explicar – ao fim da infância, quando se reconhece que os destinos público e privado são inseparáveis e se determinam mutuamente [...]. A extensão dessa zona pode variar, bem como a obscuridade e a imprecisão que a caracterizam. Mas sempre há essa terra-de-ninguém no tempo. É a parte da história cuja compreensão é mais árdua para os historiadores, ou para quem quer que seja. (HOBSBAWM, Eric. 1998, 15 – 16).

A memória também é parte fundamental da compreensão de como o passado dialoga constantemente com o presente, a relação entre passado e presente é sempre contínua, isso nos ajuda a compreender, com uma mudança temporal de olhar, porque determinados fatos ocorreram, as intenções estão presentes na memória, livros, monumentos e outras representações físicas também são uma maneira de favorecer a uma parcela da sociedade que gostaria que tais fatos não fossem esquecidos para que outros não possam ser questionados, ou questionados de maneira mais amena.

Ali onde os historiadores tentam se defrontar com um período para o qual existem testemunhas oculares vivas, dois conceitos de história bem diferentes se chocam ou, no melhor dos casos, completam-se mutuamente: a acadêmica e a existencial, o arquivo e a memória pessoal. Pois todo mundo é historiador de sua própria vida passada consciente, na medida em que elabora uma versão pessoal dela: um historiador nada confiável, sob a maioria dos pontos de vista, como bem sabem todos os que se aventuraram pela “história oral”, mas um historiador cuja contribuição é essencial. Os acadêmicos que entrevistam velhos soldados ou políticos já terão adquirido informação mais vasta e mais confiável sobre os acontecimentos, em publicações e documentos, do que a guardada na memória de sua fonte, mas mesmo assim pode interpretá-la mal. [...] Não obstante, as duas versões da história em confronto são, em sentidos diferentes, construções coerentes do passado, conscientemente defendidas como tais e, ao menos, potencialmente passíveis de serem definidas. (HOBSBAWM, Eric. 1998, 17 – 18).

Vista de forma ainda limitada a importância da memória para a História e para o próprio homem, vejamos um pouco da importância dos memorialistas para uma História dos Quiosques e Cafés de Fortaleza.

Nos idos de 45, quase todas as esquinas do centro comercial de Fortaleza tinham um café, sem contar uns poucos de meio de quarteirão. Esses cafés, redutos de bucolismo romântico, que nos anos mais tarde seriam substituídos pelos inexpressivos cafés expressos, tinham um pouco do charme aristocrático do início do Século e um doce toque parisiense (LOPES, 1996, 69).

Marciano Lopes procurou descrever os detalhes do espaço urbano de Fortaleza, entre eles os Cafés, que segundo as suas memórias traziam uma característica comum ao período, o afrancesamento.

Nos quatro cantos da Praça do Ferreira foram construídos, no último quartel do Século XIX, quiosques de madeira que receberam os nomes de Café Java (esquina nordeste), Café do Comércio (esquina noroeste), Café Iracema (esquina sudoeste) e Café Elegante (esquina sudeste). O Java e o Iracema tinham um só pavimento, enquanto o do Comércio e o Elegante eram assobradados. Além desses havia uma guarita que servia de posto fiscal da Ceará Light, situada entre o Java e o do Comércio (ADERALDO. 1981,61).

Como já foi observado anteriormente, um desses cafés ganhou destaque por “ver nascer” e abrigar a Padaria Espiritual, no trecho citado acima também é interessante observarmos que o Café Java e o Iracema não eram os maiores fisicamente entre os quatro, entretanto, o Java ganhou destaque mediante a presença dos “padeiros” e o Iracema abrigou os sócios da Academia Rebarbativa, composta de intelectuais boêmios da cidade, entre eles, José Gil Amora, Genuíno de Castro, Carlos Severo e Otacílio de Azevedo.

Quando ao sair de uma sessão cinematográfica (no Polytheama ou Majestic?), o “padeiro” Antônio Sales notou que punham abaixo os quiosques, inclusive o seu querido Café Java, encheu-se de “uma grande tristeza e uma grande saudade”. Assim era aquela “bela e curiosa aventura”, antiga de vinte e oito anos, em que vários moços da “Padaria Espiritual”, um dos mais fecundos movimentos literários do Ceará, sacudiram nossa terra, ainda em provinciana (ADERALDO. 1981, 64).

Os livros de memória trazem um pouco do sentimento, do segundo olhar, daquilo que até então muitos não consideravam importante e que poderia ser dispensado de um trabalho em História, hoje mostram o que outras fontes não puderam mostrar e são fundamentais pra o desenvolvimento de uma pesquisa que almeje o máximo possível de olhares que ainda nos restam sobre um objeto.

BIBLIOGRAFIA

NORA, Pierre, *in* NORA, Pierre (org.), **Les Lieux de La Mémoire**. Vol. I. Paris: La République, 1984.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios. 1875 – 1914**. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 12ª Edição.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

ADERALDO, Mozart Soriano. **A Praça**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso, 1989.

LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) LUCA, Tania Regina (Org.). **O Historiador e suas fontes**. 1 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.